

## A casa global

### Sobre textos bíblicos em perspectiva ecológica no ensino religioso

Haroldo Reimer[1]

Vivemos tempos de mudanças. O velho ainda está aí, com todas as suas estruturas, mazelas, e influências, mas o novo já vai despontando, cada vez com mais força.

#### Tempos de crises e transição

Há algum tempo fala-se muito de mudança de paradigma. Ouve-se muito falar da mudança do paradigma da modernidade para a pós-modernidade. Sob o conceito de modernidade procura-se resumir os vários movimentos típicos desta, tais como a filosofia crítica, o antropocentrismo, o iluminismo, o positivismo e o evolucionismo. Os efeitos e as influências destes movimentos do pensamento humano moderno fizeram surgir cada vez mais a consciência de que o ser humano está no centro dos acontecimentos globais e que, portanto, Deus, o Sagrado, ou a Divindade tem cada vez menos espaço. Um cientista certa vez assim afirmou: “Deus somente ainda está ali onde a luz e a ciência da razão ainda não chegaram.”

Com este conjunto de idéias e práticas foi-se criando cada vez mais a concepção de que tudo pode ser resolvido através da ciência e da técnica. A racionalidade, assim se afirma, pode dar respostas para todas as questões, não havendo, pois, necessidade de recurso ao sagrado ou transcendental.

Este conjunto de idéias e práticas compartilhadas pela maioria das pessoas “modernas” forma o que se costuma chamar de *paradigma da modernidade*, o qual, nos tempos atuais, está dando lugar a um novo paradigma, que, provisoriamente, na falta de um conceito melhor, está sendo chamado de *pós-modernidade*. Mais do que entender o significado do conceito é importante perceber que com isso quer se expressar novas práticas e novos jeitos de pensar. O momento é marcado pela *transição*. A fragmentação da modernidade está dando lugar a uma visão de conjunto, que alguns chamam de “visão holística”, isto é, relativa ao todo (o termo *hólos* provém do grego e significa “tudo”/“todos”). A visão antropocêntrica está dando lugar a uma compreensão de que os humanos fazem parte de um conjunto maior; somos uma parte e não necessariamente o centro, embora a nós caiba uma posição privilegiada de responsabilidade. O que também está mudando é a própria compreensão de Deus, do Sagrado ou da Divindade e de sua relacionabilidade com o mundo criado. Há cientistas, hoje, que afirmam que “uma pessoa com fé vive melhor”. Isso é verdadeiro não porque tal pessoa tenha alcançado um estado especial de santidade através da fé, estando, pois, em posição superior aos outros, mas porque consegue perceber a si e aos outros dentro de todo um sistema maior de energias e trocas simbólicas que inclui o próprio Deus.

Esse conjunto de práticas e pensamentos do paradigma da pós-modernidade também vem sendo chamado de *pensamento ecológico*. Com isso quer se dizer que se procura pensar (e viver) a vida como um todo, como um conjunto de relações, como um grande eco-sistema, com uma constante e incessante inter-retro-relação entre todas as partes. No dizer de um dos maiores pensadores nesta área:

“A nova visão da realidade (...) baseia-se na consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Esta nova visão transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais”. [2]

Nessa linha de pensamento, o termo “ecológico” deriva da palavra *ecologia*. Em termos históricos e etimológicos, essa palavra foi cunhada pelo cientista alemão Ernst Haeckel, que, no final do século XIX, afirmava a ecologia como uma subárea dentro da área de conhecimento da biologia. Com o termo ecologia ele justamente queria indicar para a inter-relação entre os seres vivos. Durante muito tempo, o conceito não teve muita aplicação, renascendo e popularizando-se com muita força a partir da década de 70 no século XX. [3] Hoje, essa palavra tem muitas acepções particulares. Fala-se da “ecologia ambiental”, “ecologia social”, “ecologia mental”, etc. Mais do que conhecer cada uma dessas variantes, é importante compreender que, na sua etimologia, a palavra *eco-logia* é

constituída por duas palavras-raízes de origem grega. A segunda parte da palavra (=logia) significa “discurso”, “fala”, “estudo”, etc. A primeira parte (=eco) provém da palavra grega *oikós*, que significa literalmente “casa”. Assim, *ecologia* tem a ver com a *casa como espaço comum de vida*. Ecologia, pois, estuda a “casa” em suas diversas formas de organização e manifestação.

Hoje, com os avanços da globalização, que são um aprofundamento das grandes descobertas nos inícios da modernidade, já estamos acostumados a falar de “aldeia global” ou de “casa global”. Com esse conceito quer-se buscar entender todo o nosso *planeta terra* como uma *grande casa*. Neste amplo espaço, do qual, muitas vezes, não conseguimos visualizar a extensão, *convivem e devem conviver*, cada vez mais próximos, os mais distintos elementos e seres de toda a natureza e do cosmos. Cada vez mais, o destino desta *casa global* está relacionado com as ações e as práticas de cada habitante. Assim, pois, tem aplicabilidade a frase que diz que “é necessário pensar globalmente e agir localmente”, ou também o inverso pode ser verdadeiro: “pensar localmente e agir globalmente”. As duas coisas complementadas dariam o seguinte sentido: “é necessário pensar local e globalmente e agir local e globalmente”. Este é o grande desafio que os tempos atuais nos colocam justamente diante de crises ecológicas provocadas pela marcha do progresso dentro do projeto da modernidade.

O mundo atual está marcado por muitas *crises ecológicas ou ambientais*. Temos aí todo um feixe de problemas. Alguns temas estão constantemente nas discussões e na mídia. São problemas como poluição do ar (efeito estufa, chuva ácida, etc.), contaminação química das águas através de resíduos industriais e esgotos domésticos não tratados. A luta pela água já é hoje um tema capaz de gerar conflitos e até guerras, pois já se sabe que hoje 1/3 da população mundial não tem acesso diário à água tratada. Outro problema sério é constituído pelas mudanças climáticas provocadas pela intervenção abusiva dos seres humanos nos ecossistemas, por exemplo através do desmatamento de florestas e matas ciliares e grandes projetos industriais que alteram o equilíbrio climático. Junto com isso verifica-se o problema atômico: a louca marcha armamentista militar produziu um arsenal de armas capaz de destruir a face da Terra. Mesmo as usinas atômicas, por mais segura que seja apresentada a sua tecnologia, constituem uma ameaça constante à vida justamente por causa da variável das falhas humanas ou técnicas. Um outro problema, que muitas vezes é tratado com muita resistência e reticência, justamente por causa da sua complexidade, é a questão do *problema habitacional*. Hoje já somos mais do que 6 bilhões de seres humanos habitando conflitivamente a mesma casa global. O índice de crescimento vegetativo é elevado e preocupante diante da constatação de que os recursos naturais são finitos e acessíveis em proporções cada vez menores. Por exemplo, através da desertificação, as áreas para o cultivo de alimentos são cada vez menores e necessitam de substancial incremento de produtos químicos para que se possa produzir os bens alimentares necessários para as grandes massas populacionais. É verdade que os oceanos podem ser a grande fonte de alimentos no futuro, mas, dentro dos parâmetros atuais, geram-se círculos viciosos que agravam cada vez mais o problema.

Com estas anotações introdutórias, quis indicar para os tempos atuais e situar a nossa própria existência como em tempo de mudanças e de transição. De acordo com isso, é importante a gente “reciclar” também o nosso próprio pensamento à luz das novas demandas e do paradigma emergente.

Mas, como se pode trabalhar estas novas perspectivas dentro do ensino religioso?

### **Uma perspectiva ecológica no ensino religioso**

O Ensino Religioso, segundo as disposições da própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação, deve ser um ensino voltado para a formação de *valores* na vida das crianças e de jovens. Sendo assim, a perspectiva necessariamente deverá primar pela *interdisciplinariedade* e pela *complementariedade curricular*.<sup>[4]</sup> Isto é, os temas tratados nas aulas de Ensino Religioso deverão estar vinculados transversalmente com os conteúdos das outras disciplinas no currículo escolar.

Junto com a interdisciplinariedade deve estar a *supra-confessionalidade* no Ensino Religioso. Diante dos avanços no desenvolvimento do pensamento ocidental, os cidadãos e as cidadãs têm direito a um ensino público gratuito e qualidade, o qual contemple a formação ampla dos valores da pessoa dentro da arquitetura do pensamento moderno-ocidental. Dentro desse jeito de pensar, a separação entre Igreja e Estado, bem, como a separação entre fé e política está alicerçada na Constituição da maioria dos estados modernos. A nova LDB, que possibilita o Ensino Religioso na escola pública não pode e nem deve fazer um retrocesso nesta questão. Assim, este tipo especial de ensino deve estar plenamente vinculado e comprometido com a *formação integral e de valores dos estudantes* e, de

modo algum, servir como palco para “evangelizações” e “cruzadas” confessionais de qualquer denominação ou movimento religioso.

Como parte da formação de valores, é importante deixar claro que, quando se fala de *perspectiva ecológica*, trata-se de uma questão de *com ver e compreender* as relações e o desenvolvimento humanos nos tempos atuais. Quando se busca levar os alunos e as alunas a terem uma *perspectiva ecológica*, significa, na verdade, ajudar a criar uma sensibilidade para todo um conjunto de problemas e desafios. Se usarmos de uma figura de linguagem, poderíamos dizer que se trata de ver a realidade com *óculos novos* ou com uma *lente nova*. É isso que o Ensino Religioso em perspectiva ecológica quer e pode promover: mudar o jeito de olhar e de compreender, bem como influir na prática de cada dia. Passos para uma mudança de paradigma se dá com um *novo caminho mental* e uma *nova prática cotidiana*. Quando mais e mais pessoas aderirem a esta perspectiva, ela terá um efeito *quântico*, isto é, um movimento ininterrupto de into-retro-relações. E, assim, *milagrosamente*, o novo se fará, o novo paradigma se construirá, com a participação de todos e todas.

## Temas

No espaço deste artigo está entendido que se trata de uma contribuição no sentido de fomentar e ajudar a dar pistas para um enfoque ou uma perspectiva ecológica na ministração de atividades de ensino religioso. Pressuposto também está que a presente colaboração tem mais em vista o uso de textos sagrados, isto é, bíblicos como recursos para o trabalho de temas. Neste sentido, gostaria de indicar alguns âmbitos temáticos na Bíblia que poderiam ser explorados neste sentido.

### O lugar dos seres humanos na criação (Gênesis 1 a 3)

Quase que forçosamente o tema “criação” e “origem do mundo e da humanidade” é tratado no ensino religioso. Isso faz parte de uma pergunta fundamental da pessoa humana, que, neste caso, é tratada de modo didático. Sabemos de dificuldades inerentes no trato do tema, pelo fato de que em outras disciplinas como biologia ou ciências em geral há um enfoque no sentido da origem do mundo e da vida a partir da “explicação científica” da teoria da evolução e do *big bang*. Neste sentido, estabelece-se um confronto entre “criação e evolução” ou entre “fé e ciência”.

No ensino religioso, no tocante a esta temática, dever-se-ia privilegiar um enfoque de *complementariedade*, refletindo sobre o dado de que a linguagem da fé e a linguagem da ciência são linguagens distintas com lógicas próprias, mas que procuram, na verdade, responder aos mesmos anseios das pessoas no sentido de obter respostas para as perguntas sobre as origens últimas do mundo e da vida. As religiões em geral e a fé judaico-cristã em particular têm textos que tratam da história das origens. Na Bíblia, esses textos estão registrados nos primeiros capítulos do livro de Gênesis. Outras culturas têm outros textos que falam de criação. Na verdade, tais relatos em linguagem mítica são comuns à maioria das religiões. Em tais textos, os povos religiosos expressam a sua própria auto-compreensão de existência e de sentido no mundo e sua relação intrínseca com o Deus criador, no qual depositam a sua fé e sua confiança. Isso também se dá com o texto bíblico da criação. Lá se procura testemunhar o dado básico de que o cosmo veio a existir por meio da atividade criadora de um Deus. Através desse texto-testemunho, o povo da Bíblia expressa também sua auto-compreensão. No ensino religioso, pois, não se deveria tanto buscar reforçar a apologética e o conflito com a ciência, mas indicar caminhos que conduzem a uma compreensão mais profunda para respostas que vem da profundidade do ser.

No relato bíblico de Gênesis 1 a 3, há alguns elementos que podemos destacar em perspectiva ecológica. Primeiramente há que entender o texto em perspectiva global. Embora se trate de um texto antigo, até culturalmente circunstanciado, a sua intencionalidade é universal. O que ali é narrado quer ser entendido como um relato sobre a origem de toda a *casa global*. Subentende-se aqui todo o mundo habitado, ou talvez melhor, todo o cosmo, como sendo uma *complexa criação* com sua origem na vontade e atividade criadora de Deus. Isso está no nível da linguagem de testemunho do texto.

Em segundo lugar, cabe ressaltar que o texto projeta e representa os seres humanos como *seres integrados na criação*. Usualmente, nós estamos acostumados a ler esses textos numa perspectiva antropocêntrica, isto é, entendendo, que os seres humanos sejam o centro de toda a criação e mais ainda que estejam no topo, acima de todos os outros elementos da criação ou natureza. Mesmo ressaltando-se a importância e o papel de responsabilidade que

cabe aos humanos, essa concepção precisa ser superada no sentido de uma perspectiva *ecocêntrica*, isto é, que se entenda a *casa*, o mundo, o cosmo como um grande espaço de interrelações, na quais os seres humanos são um elemento.<sup>[5]</sup> Assim já pensava o físico Albert Einstein em 1930, quando dizia:

“Os seres humanos são uma parte do todo que nós chamamos universo, uma pequena região no tempo e no espaço. Eles consideram a si mesmo, suas idéias e seus sentimentos como separados e à parte de todo o resto. É uma ilusão de ótica em suas consciências. Essa ilusão é uma espécie de prisão. Ela nos restringe às nossas aspirações pessoais e limita nossa vida afetiva a umas poucas pessoas muito próximas de nós. Nossa tarefa seria livrar-nos dessa prisão, tornar acessível nosso círculo de compaixão de forma a abraçar todas as criaturas vivas e toda a natureza em sua beleza”.<sup>[6]</sup>

Como podemos perceber no texto de Gênesis 1 a 3 essa perspectiva *ecocêntrica* ou mesmo a dimensão de que os humanos são seres integrados na criação?

Sabidamente, em Gênesis 1 a 3 temos, na verdade, dois relatos da criação, que, na sua forma atual, estão combinados entre si, formando uma unidade maior e continuada.

O texto de Gênesis 1,1 a 2,4, na pesquisa, é visto como o texto mais recente, tendo surgido provavelmente na época do exílio babilônio (entre 586 e 538 aC). O texto está organizado numa seqüência de *sete* dias da criação. O próprio ritmo de tempo afirmado no relato já funciona como uma prescrição de ritmo de tempo para as pessoas que se inspiram neste texto. Afirma-se que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo dia (Gênesis 1,1). Esse ritmo já é marcante. Significa em termos de mensagem que, assim como o próprio criador, também as pessoas deveriam observar um ritmo de tempo de trabalho (seis dias) e um tempo de descanso ou de pausa. *Trabalho e descanso* deveriam, pois, fazer parte do ritmo da vida. Nisso o texto bíblico de Gênesis se diferencia de outros relatos das origens de outras culturas, sobretudo do antigo Oriente e do Egito, nos quais se prevê um trabalho constante e ininterrupto aos humanos. Somente os deuses poderiam descansar. Alternância de trabalho e descanso são, pois, conteúdos marcantes em termos ecológicos, pois são vitais para a vida. A pessoa que observa esse ritmo sábio e salutar mais rapidamente sujeita-se a contrair enfermidades psicossomáticas. Esse ritmo de trabalho e descanso também é pressuposto e previsto como prática para os antigos israelitas e, por extensão, para todas as pessoas que tem nos textos sagrados uma importante fonte de inspiração. Basta olhar algumas leis, por exemplo em Ex 34,21; 23,12; 20,8-11; Dt 5,12-15, Jr 17,21-22; Lv 23,3; Ne 10,31; Mc 2,23-28. Essa alternância também está adaptada para um ritmo de anos: “Seis anos semearás a tua terra e (...) no sétimo ano, a deixarás descansar” (Ex 23,10-11). No todo, o povo do antigo Israel produziu e cultivou tradições sobre *tempos de graça* em meio a ritmo de vida e trabalho.<sup>[7]</sup>

Dentro do ritmo de sete dias da criação, o relato de Gênesis 1 destaca uma seqüência de *obras da criação e sua respectiva avaliação*. A cada dia vão sendo criados novos elementos da complexa criação. Assim destacam-se: 1. dia: a criação da luz (v.3-5), 2. dia: da separação de águas e firmamento (v.6-7); 3. dia: terra seca, água e plantas (v.9-13); 4. dia: luzeiros (v.14-19); 5. dia: animais marinhos, anfíbios e aves (v.20-23); 6. dia: animais vivos ‘saídos da terra’ (v.24-31), entre os quais figuram também os seres humanos. O sétimo dia não é dia de trabalho criador, mas um tempo especial reservado para a pausa e o descanso; este é ponto de culminância do relato. Dentro dessa seqüência das obras da criação, percebe-se que a criação dos seres humanos é parte integrante do todo. Sua criação acontece por último, mas junto com outros animais no mesmo dia. Segundo o relato, cada um dos elementos criados recebe uma avaliação por parte do criador. Isso se percebe no dado textual da ocorrência de expressões avaliativas, como a expressão “bom”, que aparece em vários lugares no texto, sempre no sentido de uma avaliação parcial (veja v.12, 18, 21, 25). Somente no final, em Gn 1,31, aparece a expressão “muito bom”. Essa expressão, provavelmente, quer direcionar o olhar do leitor para o todo do conjunto da criação, procurando passar a idéia de *comunidade da criação*.<sup>[8]</sup>

Além de fazer parte da comunidade da criação, os seres humanos são apresentados como *seres integrados na criação*. Até essa expressão é compartilhada com outros elementos, como os vegetais (v.11) e os animais do 6. dia (v.26). A designação dos seres humanos criados por Deus com o termo *adam* indica na língua hebraica para uma totalidade de gênero. Junto com isso está a intrínseca relação dos *seres adâmicos* com a própria terra, pois esta é designada pelo termo *adamah*. Essa palavra designa na melhor tradução o *húmus da terra*. Num trocadilho em português poderíamos dizer que os *humanos* são criados a partir do *húmus*. Essa percepção pode servir de alerta contra eventuais formas de pensar que procuram projetar uma superioridade dos seres humanos em relação ao ‘resto’ da criação.

Essa idéia de superioridade dos seres humanos em relação à natureza parece estar alicerçada nas passagens de Gênesis 1,16 a 31 em que se relata sobre a criação e os mandados divinos aos humanos. Dois termos sempre de novo são destacados neste texto: *sujeitar* e *dominar*. Os dois verbos aparecem neste contexto do relato da criação e

expressam a idéia de que os seres humanos têm o mandado divino de *sujeitar a terra e dominar sobre os animais*. Uma análise do campo semântico dos respectivos verbos (*kabash/ sujeitar e radah/ dominar*) evidencia que, na maioria das ocorrências, de fato está implícita a idéia de sujeição e domínio<sup>[9]</sup>. Vários pesquisadores bíblicos já destacaram que aqui pode estar se tratando de “linguagem da ideologia régia” comum no antigo Oriente<sup>[10]</sup>, tomada de empréstimo pelos autores bíblicos. Diante da constatação do mau uso e do abuso da referência a este mandado divino, convém, hoje, face às crises ambientais de nosso planeta, relativizar e reinterpretar estes verbos no sentido como aparecem em alguns salmos bíblicos, em que a tarefa do domínio é afirmada para o governante (Sl 2; 71; 110), mas este é entendido no sentido de um “mediador de conflitos”, ou como alguém que tem a função de “exercer o poder a fim de limitar a violência”.<sup>[11]</sup> Pode-se assim dizer que aos seres humanos deveria caber mais a tarefa de ter um *cuidado* especial com os elos mais fracos na criação, dentro de um engajamento para um equilíbrio das forças sociais e da existência de uma ordem justa e pacífica (veja Isaías 11,1-10).

Mesmo que o texto de Gn 1,26-31 dê margem para alguém possa dizer que a origem da crise ambiental atual esteja na fé judaico-cristã,<sup>[12]</sup> o próprio texto de Gênesis 1 indica *limitações* no exercício do poder humano sobre a natureza. Primeiramente afirma-se que os humanos deveriam ser “vegetarianos”, isto é, alimentar-se do que foi criado no terceiro dia: os vegetais. Além disso, a culminância do relato com a bênção sobre o tempo de descanso sabático significa que a atividade da interferência humana na criação tem limitações e deve(ria) estar perpassada por tempos de descanso.

Além destas limitações, o segundo relato da criação, em Gênesis 2 a 3, agrega outros elementos limitadores do domínio humano. Aqui podemos destacar sobretudo o binômio que marca este relato: *cultivar e guardar* (Gn 1,15). O verbo hebraico *abad*, que indica a tarefa de *cultivar*, é o mesmo verbo empregado para designar o trabalho como uma tarefa penosa, similar ao trabalho servil. O verbo hebraico *shamar* indica para a tarefa principal de um *princípio cuidado*. Assim, através destes ‘novos’ mandatos, as incumbências dos seres humanos na criação implicam em usufruto das benesses da natureza e, simultaneamente, na dimensão do cuidado por criação também em vista das gerações futuras.

“A tarefa dos seres humanos consiste, por um lado, na transformação do ambiente natural em ambiente cultural. O desafio do ser humano é justamente transformar em cultura o que é simplesmente natural. Nisso reside talvez uma das mais genuínas tarefas criadoras do ser humano: ser co-criador com Deus. Por outro lado, a tarefa do ser humano implica também o ‘guardar’, i. é., não destruir a natureza criada por Deus, mas sim mantê-la em suas bases de sustentação e no seu próprio ciclo de vida”.

“Os seres humanos receberam de Deus a incumbência de zelar pela criação continuada de Deus, uma criação que se estende até hoje, incluindo todas as mutações, transformações e evoluções naturais. Os seres humanos são um elo da comunidade de criação e têm responsabilidade pelo restante da criação. Através do trabalho criativo, eles se tornam co-criadores com Deus”.<sup>[13]</sup>

Com isso, procuramos destacar alguns elementos dos textos de Gênesis 1 a 3 no sentido de serem trabalhados didaticamente em *perspectiva ecológica*. A seguir, destacaremos alguns elementos do relato do “dilúvio”, em Gênesis 6 a 9.

### **Desastre ecológico e nova criação (Gênesis 6 a 9)**

O relato bíblico do dilúvio povoa o imaginário da maioria das pessoas; por sua estrutura narrativa, pode ser muito bem aproveitado no ensino religioso.

No conjunto dos relatos que tratam das origens do cosmo e da humanidade, o texto de Gênesis 6 a 9 apresenta um grande *desastre ecológico*. Esse desastre é justificado no início do texto com uma observação de ordem antropológica. Em Gn 6,5 afirma-se que “a maldade do homem havia se multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração”. Com essa constatação, aliada às perturbações na “criação original”, isto é, com a “desobediência” de Adão e Eva e o fratricídio de Abel por Caim (Gn 4), o texto bíblico quer justificar a necessidade de um dilúvio. “Disse o Senhor: Farei desaparecer o homem que criei, o homem e o animal, os répteis e as aves dos céus; porque me arrependo de os haver feito” (Gn 6,7). E o que se segue nos capítulos e nos versículos seguintes é o acontecimento do próprio dilúvio. Há uma estrutura perceptível no texto, que coloca o centro no próprio dilúvio, precedido de introdução e seguido de reflexões consequentes. Neste “centro” descreve-se a execução do arrependimento divino em relação à criação que Ele mesmo havia avaliado com o predicados “bom” e “muito bom”. precedido por comparações e reflexões posteriores. Vejamos a estrutura:

- A 6,1-4 – introdução mitológica
- B 6,5-22 - análise e decisão divina: dilúvio SIM
- C 7,1-16 - entrada na arca
- D 7,17-24 –DILÚVIO: desastre e novo começo
- C’ 8,1-19 – saída da arca
- B’ 8,20-9,17 – decisão divina: dilúvio NUNCA MAIS e novas prescrições
- A’ 9,18-29 - final genealógico

O texto bíblico com esta estrutura manifesta inclui em si elementos tomados de empréstimo da cultura babilônica. Os povos da Mesopotâmia conheciam um relato mítico muito similar, conhecido pelo nome de *Gilgamesh* ou *Atrahasis*, em que um personagem de nome Utnapishtim funciona como protagonista. No relato bíblico, Noé é a figura que serve como protagonista, havendo sido escolhido por Deus para ser o *continuador da nova criação*.

O texto de Gn 6 a 9 assume e integra em si várias tradições. Assim, por exemplo, há um descompasso no que tange ao número da “lotação”. Em alguns lugares fala-se de sete pares e em outros de um par. Já a relação com outros textos da cultura mesopotâmica evidencia esta pluralidade de tradições neste texto bíblico. Mas é bom notar que a tradição bíblico-israelita promoveu uma releitura significativa dos relatos babilônicos, na medida em que lá o dilúvio permanece sendo uma ameaça constante sobre os humanos sempre a divindade não for atendida em suas exigências ou caprichos; no relato bíblico, a ameaça de um dilúvio é interdita pelo próprio Deus, quando solenemente se afirma no texto: “não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem” (8,21) ou “não será mais destruída toda carne por águas do dilúvio” (9,11).

O importante é perceber que Gn 6 a 9 constitui o centro dentro de Gn 1 a 11, pois com a história do dilúvio indicar-se para uma ruptura e negação da “criação original” e simultaneamente para uma “nova criação”. Os elementos simbólicos da arca, de Noé e sua família, bem como os exemplares dos animais indicam para esta nova criação.

A figura de Noé pode ser trabalhada de uma forma positiva na medida em que se toma e se apresenta Noé como uma pessoa que realiza a “política dos pequenos gestos”, como diria M.Ghandi. Noé recebe a comunicação da vinda do dilúvio, bem como de disposições de procedimento. Como bom fiel, Noé coloca estas orientações em prática, mobilizando sua família, construindo a arca e recolhendo espécimes dos animais ameaçados de destruição. Neste sentido, Noé simboliza um “resto fiel” e perseverante que funciona como ecologista. Diante da catástrofe iminente, deixa-se envolver no projeto, apesar das opiniões contrárias no senso comum. Dá passos concretos, e, com sua ação de pequenos gestos, delimita “áreas de preservação ecológica”.

A figura de Noé, contudo, também pode receber alguns questionamentos e críticas sérias. Intrigante demais em toda a história do dilúvio é o *silêncio de Noé*. Em todo o relato, Noé não pronuncia uma palavra sequer. Mantém-se em silêncio todo o tempo. Poder-se-ia dizer que sua “política dos pequenos gestos” não inclui o discurso. Mas esse é um aspecto que deve ser criticamente resgatado e ampliado na figura de Noé. Hoje necessitamos de “nôes” que agem e que falam. O mundo, a comunidade, a vizinhança precisa das ações concretas, mas precisa também de um discurso crítico, que adverte frente à iminência de tantas destruições e devastações ambientais e ecológicas.

De uma forma geral, dever-se-ia também fazer uma crítica ao próprio texto bíblico e sua proposta de um dilúvio. Neste sentido há vozes críticas que perguntam seriamente por que, na perspectiva do Criador, os animais devem perecer por causa da maldade dos seres humanos. Essa relação entre humanos e animais (natureza) é complicada, não só nos textos sagrados da Bíblia, mas também nos tempos atuais. Pode-se, em Gn 9, fazer duas iluminações distintas, que talvez até remontem a duas tradições distintas sobre a mesma temática e que agora se acham agrupadas no mesmo texto.

Por um lado, o texto de Gn 9 expressa a “verdadeira” condição da humanidade “pós-diluviana”. O relato do dilúvio inaugura uma nova visão da relação dos humanos com o seu ambiente. Trata-se de uma *criação re-criada* com novas prescrições e mandamentos, chamados de “mandamentos noádicos” (Gn 9, 2-7), isto é, relativos a Noé. Nesta “nova” percepção, repete-se a ordem da fecundidade e multiplicação dos humanos, necessária na hostilidade do mundo antiga, mas carente de revisão e relativização diante de uma humanidade de 6 bilhões. A relação destes humanos com os outros elementos da criação é afirmada em termos de “pavor e medo” (Bíblia Almeida) ou “medo e terror” (Bíblia Vozes). Parece que a linguagem de dominação de Gn 1,28 tem aqui a sua continuação, igualmente

necessitando de revisão profunda na atualidade. O consumo de carne para alimentação, embora com a restrição de “carne sem sangue” evidencia essa relação conflitiva entre os humanos e mundo animal. No texto, reflete-se também a possibilidade de derramamento de sangue por parte dos humanos, uma prática (possível e real) que se procura interditar com a “vingança de sangue” e a argumentação de antropológico-teológica de que o ser humano (homem e mulher) são *imagem e semelhança do criador*. Essa descrição da “humanidade pós-diluviana” apresenta aspectos complexos, que necessitam de revisão hermenêutica.

Dentro da perspectiva dessa revisão hermenêutica, pode-se resgatar um aspecto positivo no texto. Em Gn 9,9 até 17 afirma-se uma *aliança de Deus com toda a criação, incluindo expressamente os animais*. Esse aspecto teológico pode e deve ser resgatado para a elaboração de uma espiritualidade cristã ecológica nos dias de hoje, podendo muito bem ser aproveitado no sentido da formação de valores no processo pedagógico. Segundo o texto, a aliança na criação re-criada não se limita à relação entre Deus e os seres humanos, mas inclui todos os elos e elementos da criação. No imaginário do texto, o sinal externo dessa aliança é o *arco-íris* (Gn 9,16).

Essa constatação antropológica de que o ser humano é um elemento que interfere vai orientar os demais textos da Bíblia, sobretudo no Antigo Testamento, no sentido que este ser humano necessita de leis, normas e orientações para conduzir o seu viver na criação, entendida como obra da ação criadora de Deus. Dentro das leis que perfazem a *Torá*[14] de Israel, há uma série de passagens em que claramente se percebe que na Tora de Israel há algo como um *princípio cuidado*. Cabe, porém, ressaltar que as leis de cuidado com o meio ambiente que encontramos em meio às leis do Pentateuco não constituem um algo como um “código ambiental”, mas são leis isoladas, que refletem uma relação especial do povo de Israel com a própria terra.[15] Na expressão simbólica da terra na consciência do povo de Israel, a terra ou a roça é sobretudo dádiva divina, prometida aos ancestrais (Gn 12,1-3) e que deveria ser mantida e preservadas nas e pelas famílias de Israel. Vamos destacar alguns dessas *tradições de cuidado nas leis de Israel*.

### Tradições de cuidado em leis do Antigo Testamento

As leis registradas no Pentateuco ou Tora são apresentadas como tendo sido reveladas por Deus ao povo de Israel antes da ocupação e conquista da “terra prometida”. Essas leis encontram-se no bloco de Ex 19 até Nm 10,10, um trecho que costuma ser chamado de “perícope do Sinai”. Em termos históricos, porém, essas leis foram surgindo ao longo da história do povo de Israel, provavelmente na forma de “códigos” e que somente no momento da composição final do Pentateuco receberam a sua forma atual e a sua localização como revelação junto ao Sinai.[16] Isso é um elemento de análise para entender melhor o conteúdo das diversas leis de *cuidado ambiental* no Pentateuco, mas as próprias passagens legais falam por si mesmas.

### Tempos de pausa

Um conjunto de tradições de *cuidado* que perpassa toda a Bíblia é constituído pelas leis que falam de *tempos de pausa*. Esses tempos de pausa são entendidos como momentos em que a atividade produtiva e produtora humana é interrompida por um *shabat*, que na língua hebraica originalmente significa “parar”, “cessar”.

As leis mais comuns referem-se ao *sábado* como o *dia de descanso* dentro do ritmo normal de trabalho.[17] As formulações em geral seguem o padrão “seis trabalhar e farás toda a tua obra e no sétimo dia descansarás” (Ex 34,21), mas podem abranger cada vez mais elementos, no sentido de que o *descanso sabático* tenha validade para toda as pessoas que compõem a casa, bem como os animais usados como força de trabalho (veja Ex 23,12; Ex 20,8-11; Dt 5,12-15). As formulações mais completas neste conjunto de leis encontram-se em Ex 20,8 a 11 e Dt 5,12 a 15. São os textos que servem de base bíblica para o mandamento de “santificar o dia de descanso”. A formulação mais incisiva encontra-se logo no início da Bíblia, em Gn 2,1-3, onde se afirma que o próprio Deus criador criou o mundo em seis dias e *descansou* no sétimo dia. Segundo o relato, este tempo de pausa recebe uma bênção especial do Criador.[18] *Tempo de pausa* é afirmado como um *direito da criação*. Há, sem dúvida, alguns textos bíblicos em que o descanso é transformado em *obrigação* (veja Ex 31,13-18; 35,2-3; Lv 19,3.30; 23,3). Mas a legitimação mais contundente para o *direito a tempos de pausa* provém da boca do próprio Jesus de Nazaré, que afirmou que o “o sábado não foi estabelecido por causa do ser humano e não o ser humano por causa do sábado” (Mc 2,27). Hoje, há estudos sérios que indicam que a observação de *tempos de pausa* em meio ao ritmo de trabalho produtivo é fator fundamental para saúde física, mental e espiritual. Quem não observa tempos de pausa adocece mais cedo!

Na Bíblia, as leis dos tempos de *shabat* também receberam uma formulação relativa ao um ritmo de anos dentro da lógica semanal. Fala-se aí dos *anos sábaticos*. Esta tradição se desdobra em três sub-tradições:

A primeira e a mais importante tradição encontra-se em Ex 23,10-11; Lv 25,1-7. Trata-se do *ano sabático da terra*.<sup>[19]</sup> Supõe-se e ordena-se que o trabalho sobre a terra esteja limitado a um tempo de seis anos e que o sétimo ano seja observado como um ano de descanso para a terra. A ênfase do texto está colocada na observação do *descanso da terra*; a terra é entendida aqui como *sujeito de direitos*. Isso é fundamentalmente diferente da nossa compreensão moderna da terra como reserva de matéria prima. Por “tabela”, neste ano sabático da terra, também os *pobres* e os *animais do campo* poderão comer do que crescer livremente neste ano. O aspecto *ecológico* neste texto reside justamente no fato de que três grandezas importantes são incluídas no *shabat*: a terra, os seres humanos (pobres) e os animais. Essa integração pode e precisa ser trabalhada pedagogicamente.

Uma segunda vertente desta tradição do *ano sabático* encontra-se em Ex 21,2-11 e Dt 15,12-18. Trata-se do ano sabático como *ano de libertação de escravos e escravas*.<sup>[20]</sup> Aqui o descanso sabático é aplicado criativamente para a solução de graves problemas sociais relacionados com processos de endividamento.

A terceira sub-tradição encontra-se em Dt 15,1-11; aqui o *shabat* é aplicado explicitamente para relações de profundo endividamento social. Recomenda-se que a cada sete anos haja um *ano de remissão de dívidas* para que as pessoas empobrecidas possam ter um tempo para “puxar fôlego”, haja vista que a lei não acaba com a instituição da cobrança de juros.

Além destas tradições explícitas sobre a observância de tempos de pausa, pode-se ainda indicar para o texto de Lv 25, que fala de um *ano jubilar* ou o texto de Is 61 e Lc 4, que falam de um *ano agradável ao Senhor*. Aqui estamos diante de reivindicações mais programáticas que pretendem validade para todas as dias.

Para o trabalho com alunos pode-se ainda destacar algumas outras leis específicas, tomadas do livro de Deuteronômio e que indicam para âmbitos restritos da vida nos tempos bíblicos. Mas trata-se de textos que nós, hoje, podemos reinterpretar criativamente.

### **Sobre pássaros e ninhos**

O texto de Dt 22,6-7<sup>[21]</sup> apresenta um *insight* ecológico digno de nota. Basicamente afirma-se que se alguém encontrar pelo caminho um ninho de pássaros com filhotes ou ovos, estando estes com a mãe-pássaro, pode-se tomar os filhotes, mas deve-se deixar a mãe-pássaro voar livremente. A dor maternal certamente há de ser grande, isso não se pode negar. O texto prevê e supõe a capacidade e a (constante) possibilidade e realidade da intervenção do ser humano nos ciclos naturais de reprodução na natureza. A ganância humana talvez até busque aprisionar todo o conjunto, como bem expressa um citado do governante Senaqueribe, no século VIII aC, reproduzido em Isaías 10,14:

“Meti a mão nas riquezas dos povos como a um ninho,  
e como se ajuntam os ovos abandonados, assim eu ajuntei a terra,  
e não houve quem movesse a asa, ou abrisse a boca, ou piasse”.

Diante da capacidade de destruir ecossistemas, recomenda-se, porém, o “mal menor”. Pode-se tomar os filhotes, mas permitir que a mãe-animal continue o seu processo reprodutivo. “É o princípio ecológico da preservação da fauna para sua multiplicação”.<sup>[22]</sup> O texto de Dt 22,6-7 justifica o cuidado para com a mãe-animal, estabelecendo uma relação com o mandamento de “honrar pai e mãe”. Tal prática, segundo o texto, implicaria em bem-estar e muitos anos de vida sobre a vida.

### **Contra o desmatamento sem sentido**

Em um contexto, em que se fala de leis sobre vida e morte, guerra e paz, o texto de Dt 20,19-20 fala de *evitar*

*desmatamento sem sentido*.<sup>[23]</sup> O contexto pressuposto é de guerra. Afirma-se que, ao sitiarem uma cidade, *não se deve destruir o arvoredo frutífero*, pois, “dele comerás” (v.19). Restringe-se o corte de árvores para fins bélicos; somente árvores não frutíferas poderiam ser utilizadas para tal finalidade. Essa lei, muito provavelmente, já reflete a prática dos assírios, a potência econômica nos séculos VIII e VII aC. Nas crônicas de guerra destes imperialistas fala-se seguidamente da devastação ambiental em contexto de guerra. Sabe-se historicamente que os assírios costumavam cortar todas as árvores frutíferas, sobretudo olivais e vinhas, nas imediações de cidades com que entravam em guerra. Isso significava, em geral, um atraso de uma geração.

Neste texto de lei, pessoas em Israel aprenderam, “na pele”, esta lição. Por isso a recomendação para evitar o desmatamento sem-sentido. No texto, há ainda uma argumentação interessante, que pode ser explorada pedagogicamente: “por acaso a árvore é um ser humano?” O que se supõe aqui é que o ser humano tem condições de empreender uma fuga diante de alguma ameaça, mas o mundo vegetal está totalmente exposto à fúria humana. A pergunta ainda deixa transparecer a idéia de que é um contra-senso “sitiar” árvores, pois que mal elas poderiam fazer ao ser humano?

### **Sobre esgoto e santidade**

Em Deuteronômio 23,13-15 encontra-se uma lei muito peculiar, que trata da *limpeza do acampamento*.<sup>[24]</sup> Está dentro de leis que poderíamos chamar de “direito privado” com abrangência e implicações públicas. Pressupõe-se uma vida em acampamento, mas o termo original hebraico pode muito bem designar aldeias e cidades. O texto recomenda práticas de higiene ambiental, no sentido de que se deve reservar um espaço próprio para a realização das necessidades fisiológicas, fora do acampamento. Aqui ainda não se supõe nem de longe a comodidade dos banheiros modernos dentro de casa, mas nem por isso a reflexão deixa de ter sua atualidade.

O interessante da lei está no v.14, onde se afirma: “entre os teus instrumentos terás um (...) quando te sentares fora, cavarás um buraco e te virarás e cobrirás o que saiu de ti”. Está clara a idéia de um princípio de cuidado e de higiene ambiental, mas a tônica, ao meu ver, está no uso do verbo hebraico *shub*, traduzido aqui por “e te virarás”. Algumas Bíblias omitem este verbo na tradução do texto. Mas ele é importante, pois consta no original hebraico e revela exatamente uma dimensão profunda em termos de reflexão ecológica. Em geral, na mentalidade moderna, acredita-se que, pelo curso do progresso, estamos fadados a olhar somente para frente, para o “admirável mundo novo” (futuro). Praticamente não cabe na reflexão moderna o “olhar para trás”. E é justamente isso que se supõe aqui. Consciente de sua interferência no meio ambiente, o ser humano é convidado a prover sua interferência com uso de sabedoria. A expressão “e te virarás” indica para um momento de *conscientização* humana. O verbo hebraico *shub* é a base para um termo importante em termos de ética e espiritualidade. Indica para a dimensão da *conversão*. Conversão justamente é o olhar para trás, a tomada de consciência; é aquilo que a língua grega passou a chamar de *metánoia*. Aqui no texto, esse “virar-se” significa, ao meu ver, a incluir a dimensão da interferência (danosa) do ser humano no ambiente dentro de um projeto de sábio e de cura com o próprio ambiente. Já dizia Hermann Daly, ex-diretor do Banco Mundial, que o capitalismo que o capitalismo uma vaca que caminha para frente; vai comendo as pastagens e deixa atrás de si rastros de cocô. Mas o ser humano tem potencialidades para um agir diferente e melhor. Esse texto de Deuteronômio pode ajudar nesse processo!

Cabe ainda assinalar um elemento presente no texto. Estabelece-se uma relação entre o agir humano e suas interferências mais elementares no ambiente com a santidade. Dt 23,15 afirma que o próprio Deus, quando estiver em meio a seu povo, terá nojo de esgoto a céu aberto e toda sorte de poluição. Vendo tais coisas, Ele, o Santo, “voltará as suas costas para ti”. Segundo a linha de pensamento do texto, a santidade das pessoas e do lugar da habitação tem a ver com o modo como se tratam as coisas que saem das pessoas. Santidade tem a ver com a dimensão corporal, material e física e não está restrito às “coisas celestiais”.

### **Espiritualidade samaritana ecológica**

Haveria ainda uma série de textos e temas sobre os quais se poderia fazer apontamentos com referência ao seu uso no Ensino Religioso. Aqui não fizemos menção do tema da *água*, que urgentemente precisa ser incluído no ideário e nas práticas pedagógicas em perspectiva ecológica.<sup>[25]</sup> Também não foi possível trabalhar o tema dos “Salmos e a ecologia”.<sup>[26]</sup> Também o livro o personagem Jó podem ser lidos em perspectiva ecológica.<sup>[27]</sup> Também os textos do

Novo Testamento não puderam ser tratados aqui; entre estes textos, o de Romanos 8 merece atenção especial.<sup>[28]</sup>

De uma forma marcante, porém, pode-se trabalhar com a famosa parábola do *bom samaritano* em Lucas 10,25-37. O texto é por demais conhecido. Em perspectiva ecológica, este texto pode sofrer a seguinte transformação interpretativa: *o humano pobre e abatido à beira do caminho pode ser entendido como sendo o meio-ambiente pauperizado e abatido*. Bons samaritanos tornam-se todas as pessoas que educam a sua sensibilidade para esta realidade de decadência ambiental e agem como o bom samaritano, “aquele que usou de *misericórdia*”. A história e o ensinamento de Jesus de Nazaré são um indicativo para uma nova prática: “vai e faze tu o mesmo” (v.37).

Hoje, diante das crises ambientais em nível global, carece alargar o nosso próprio horizonte, sintonizar com a vontade redentora de Deus para toda a criação e acalentar, hoje, pedagogicamente, teorias e práticas que se constituam em esperança para a vida de toda a criação.

.....

Texto publicado originalmente [com algumas variantes e correções feitas pela Editora] em:

SILVA, Valmor da (Ed.). *Ensino Religioso*. Educação centrada na vida. Subsídios para a formação de professores. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 49-72.

[1] O autor é teólogo luterano, professor no Programa de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás.

[2] CAPRA, Fritjof. *O Ponto de Mutação*. A ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 2000, p.259.

[3] BOFF, Leonardo. *Ética da Vida*. Brasília: Letraviva, 1999; BOFF, Leonardo. *Princípio-Terra*. A volta à Terra como pátria comum. São Paulo: Ática, 1995; BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar*. Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

[4] Sobre isso, veja GADOTTI, Moacir. *Pedagogia da Terra*. 2. ed., São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2000.

[5] Veja BUSCEMI, Maria Soave. O (Ego)Centrismo para o (Eco)Centrismo: para uma teologia ecofeminista da terra e da água. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.12, n.1, p.23-39, 2001.

[6] *Apud* RUSSEL, P. *O despertar da terra. O cérebro global*. São Paulo: Cultrix, 1991.

[7] REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. *Tempos de Graça*. O jubileu e as tradições jubilares na Bíblia. São Leopoldo: CEBI, Sinodal; São Paulo: Paulus, 1999.

[8] Veja REIMER, Haroldo. Em um princípio ... Sobre a linguagem mítica em Gn 1,1-2,4. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.11, n.5, p.743-764, 2001, p.754.

[9] Veja REIMER, Em um princípio, p.757-8.

[10] Veja GARMUS, Ludovico. Bíblia e Ecologia. Aspectos fundamentais (Gn 1-11). *Grande Sinal*, Petrópolis, n. XLVI, p.275-90, 1992.

[11] Veja UEHLINGER, Christoph. O clamor da terra. Perspectivas bíblicas para o tema ecologia e violência. *Concilium*, Petrópolis, n.261, p.52-71, 1995, p.65.

[12] Veja WHITE, Lynn. As raízes históricas de nossa crise ecológica (original de 1967). In: SCHAEFFER, Francis (ed.). *Poluição e a morte do homem*. Uma perspectiva cristã da ecologia. Rio de Janeiro: JUERP, 1986

[13] REIMER, Haroldo. Crise ecológica: uma visita de Deus. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, n.32, p.226-239, 1992, p.235-6.

- [14] Para uma análise detalhada das leis do Pentateuco, veja a excelente obra de CRUSEMANN, Frank. *A Tora. Teologia e história social da lei do Antigo Testamento*. Tradução Haroldo Reimer. Petrópolis: Vozes, 2002. 599 p.
- [15] Sobre isso, veja o trabalho de PALMA, Rodrigo. *Elementos de Direito Ambiental na Bíblia Hebraica*. Goiânia, Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás, 2002.
- [16] Sobre isso, veja CRUSEMANN, *A Tora* e também REIMER e RICHTER REIMER, *Tempos de Graça*, p.26-37.
- [17] Sobre a interpretação das tradições relativas ao sábado, veja REIMER e RICHTER REIMER, *Tempos de Graça*, p.38-56. Cf. também Jorge PIXLEY, O sábado – festa e sinal. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n.33, p.33-50, 1999.
- [18] Veja o capítulo “O sábado: a festa da criação” no livro MOLTSMANN, Juergen. *Deus na Criação: doutrina ecológica da criação*. Tradução por Haroldo Reimer e Ivoni Richter Reimer. Petrópolis: Vozes, 1993. p.394-421.
- [19] Sobre isso, veja REIMER e RICHTER REIMER, *Tempos de Graça*, p.57-65 e GARMUS, Ludovico. O descanso da terra: uma releitura de Ex 23,10-11 e Lv 25,1-7. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, São Leopoldo, n.58, p.98-115, 1998.
- [20] Sobre isso, veja REIMER, Haroldo. Um tempo de graça para recomeçar. O ano sabático em Êxodo 23,10-11 e Deuteronômio 15,12-18. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n;33, p.33-50, 1999; veja também REIMER, Haroldo. Leis e relações de gênero. Apontamentos sobre Êxodo 21,2-11 e Deuteronômio 15,12-18. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n;37, p.126-138, 2000.
- [21] Sobre o texto, cf. REIMER, Haroldo. Sobre pássaros e ninhos – Olhar ecológico em leis do Deuteronômio. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n.39, 2001, p.38-40.
- [22] CROATTO, J. Severino. A vida da natureza em perspectiva bíblica – Apontamentos para uma leitura ecológica da Bíblia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n.21, 1995, p.43.
- [23] Sobre isso, veja REIMER, Sobre pássaros e ninhos, p.40-43.
- [24] Sobre isso, ver também REIMER, Sobre pássaros e ninhos, p.43-44.
- [25] Sobre isso veja o recente livro de Marcelo BARROS. *O Espírito vem pelas Águas*. Bíblia, espiritualidade ecumênica e a questão da água. São Leopoldo: CEBI; Goiás: Editora Rede, 2002.
- [26] Veja o ilustrativo artigo de Marcelo BARROS. A Terra e os céus se casam no louvor. Os Salmos e a ecologia. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n.21, p.50-62, 1995.
- [27] Veja o meu ensaio sobre o tema. Haroldo REIMER, Criação: complexo espaço-planetário. Uma leitura de Jô em perspectiva ecológica. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.12, n.4, p.643-657, 2002. Veja também o artigo de Leif VAAGE, Do meio da tempestade: a resposta de Deus a Jó. Sabedoria bíblica, ecologia moderna, vida marginal. Uma leitura de Jó 38,1-41,6. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, Petrópolis, São Leopoldo, n. 21, p.63-77, 1995.
- [28] Veja o excelente artigo de Ivoni RICHTER REIMER, Justificação por fé e cuidado de toda a criação. Motivos para perseverar (Romanos 8). *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 72, p. 115-123, 2002.